

## A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO – IMPOSIÇÃO CULTURAL E SUICÍDIO

**Guilherme Nascimento Faria<sup>1</sup>, Lídia Maria Nazaré Alves<sup>2</sup>, Márcio Rocha Damasceno<sup>3</sup>, Ana Claudia de Jesus Barreto<sup>4</sup>, Leonardo Gomes de Souza<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>Graduando do Curso de Psicologia, Facig, gnfaria1@gmail.com

<sup>2</sup>Doutora em Letras, Facig; Uemg-Carangola lidianazare@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestre em Saúde Mental e Psicanálise pela Universidade de León – Espanha, Facig, marciorocha@sempre.facig.edu.br

<sup>4</sup>Mestre em Serviço Social. Docente do Curso de Serviço Social, UEMG-Carangola, E-mail acbarreto@oi.com.br

<sup>5</sup>Graduando do curso de Letras, UEMG-Carangola, leonardogomes.jhs@gmail.com

**Resumo-** Este artigo está desenvolvido em torno do tema “O processo de colonização do Brasil e algumas de suas consequências”, modelado a partir dos Projetos “Identidade e Diversidade Cultural”, Facig, 2017; “Estudos de Gênero e etnia na literatura e sua repercussão na sociedade”, UEMG, 2017; Financiamento, PAPq. O que motivou a escrita do referido foi à observação do número elevado de índios e negros que, não resistindo ao processo colonizador, deram fim às suas próprias vidas. Certamente o assunto não é novidade, mas, acredita-se que é sempre bom trazê-lo à tona, a fim de colocar em evidência algumas consequências do processo de colonização, ainda não erradicado e, muito pouco minimizado na atualidade.

**Palavras-chave:** Suicídio; Jovens; Imposição Cultural; Índios; Africanos.

**Área do Conhecimento:** Ciências Sociais Aplicadas

### 1 INTRODUÇÃO

Este artigo está desenvolvido em torno do tema “O processo de colonização do Brasil e algumas de suas consequências”. O que motivou a escrita do referido foi à observação do número elevado de índios e negros que, não resistindo ao processo colonizador, deram fim às suas próprias vidas. Certamente o assunto não é novidade, mas, acreditamos que é sempre bom trazê-lo à tona, a fim de colocar em evidência algumas consequências negativas do processo de colonização, ainda não erradicadas na modernidade.

Para o desenvolvimento deste, elegemos três autores que abordam o tema em questão: José Murilo de Carvalho (1990) afirma que a identidade étnica e cultural de uma sociedade é criada a partir do simbolismo; Antônio Cândido (1985) concorda, em parte, com José Murilo de Carvalho ao dizer que a nação é simbólica. O autor afirma também que a cultura do Brasil se formou a partir da imposição dos padrões de vida europeus e nos relata que, com o passar do tempo, houve um processo natural de adaptação cultural, onde se misturavam as culturas europeia, indígena e africana; já Darcy Ribeiro (2006) nos revela as mazelas sofridas pelo autóctone para a formação da nação, dizendo que a unidade nacional foi o resultado de um processo violento de destruição e imposição de toda identidade étnica, de repressão e exploração para com as minorias.

Nossas pesquisas não encontraram a questão dos suicídios no Brasil colonial, o que dá, a este artigo, um tom de novidade. O que o justifica é o fato do crescimento do suicídio no Brasil, encontrar-se sempre ligado à saúde mental. Para estreitar o tema elaboramos o seguinte problema: Os casos de suicídios no Brasil são explicados a partir da psicanálise, entretanto, neste trabalho, pergunta-se se o processo de imposição cultural no Brasil colonial, estendido até a hodiernidade, motivou e motiva casos de suicídios? Nossa hipótese é afirmativa. Para ajudar a iluminar este artigo, usaremos os estudos de Antônio Cândido (1985), Darcy Ribeiro (2006) e José Murilo de Carvalho (1990), principalmente.

Edward Tylor criador do termo “cultura” em 1871, caracterizou-a como sendo “um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”, baseando-se

nessa informação, podemos definir imposição cultural como sendo qualquer ação forçada, de obrigação sejam ela de conhecimentos, tradições, hábitos, crenças etc, por parte de um grupo “dominador” sobre uma minoria “dominada” para que haja assim uma extinção dos costumes, conhecimentos e crenças do grupo supostamente “dominado”.

Já o termo suicídio tem sua formação derivado do latim *suicidium*, “suicídio”, formado por Sui, “de si mesmo”, mais *caedere*, “bater, golpear, matar”. Para Durkheim, o suicídio era interpretado da seguinte forma “chama-se suicídio todo caso de morte que resulte direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, sabedora de que devia produzir esse resultado. A tentativa é o ato assim definido, mas interrompido antes de resultar em morte.” (DURKHEIM, 2000, p. 14), Durkheim então constatou e dividiu o suicídio em três modos de ver, Suicídio egoísta, Suicídio anômico e o Suicídio altruísta.

## 2 METODOLOGIA

Optamos por pesquisa bibliográfica e a metodologia se deu da seguinte forma: num primeiro momento, escolhemos o tema, a partir do projeto integrador e da motivação da professora de Português instrumental, num segundo, pesquisamos os teóricos, num terceiro, os casos de suicídio e entrevistamos professores que tinham conhecimento do caso ou que indicassem alguma fonte, num quarto momento escrevemos o artigo, num quinto momento submetemos a leitura do referido a uma doutoranda em Serviço Social, um Mestre em Psicanálise, um graduando e uma doutora em Letras, a fim de que possíveis equívocos fossem esclarecidos, após inúmeras leituras realizadas pela professora orientadora do referido, adequamos o artigo às normas do Seminário e o submetemos. Concluímos que o processo de colonização das terras brasileiras foi de extrema importância em alguns casos de suicídio da época, em sua maioria, ocasionada pela imposição cultural dos portugueses sobre os autóctones e africanos, e que, ainda hoje, contribuem também em relação ao suicídio, pois as identidades culturais começaram a ser construídas naquela época e ainda hoje todo caso que excede o limite de normalidade dessa identidade é colocada sobre imposições da sociedade, para que a mesma se “regularize”, ou por consequência da atribuição de terras, no caso dos conflitos vigentes entre autóctones e fazendeiros nos dias atuais.

## 3 PROCESSO DE COLONIZAÇÃO NO BRASIL: IMPOSIÇÃO CULTURAL

Por volta de 1500 com a chegada dos primeiros portugueses em solo, hoje denominado brasileiro, os europeus, deram aos povos já residentes e nativos desta terra o nome “índio”, uma primeira característica forjada e ruim, pois, a este nome, foram atrelados adjetivos depreciadores. O colonizador era, por exemplo, civilizado e o autóctone, nomeado índio, selvagem. A partir do primeiro contato com os europeus, o autóctone já começou a sofrer e enfrentar preconceitos e imposições europeias, seja em sua cultura mística e religiosa, ou mais visível, modos de viver. Perdendo então seus direitos sobre sua vida e sua terra. Quando os povos europeus chegaram a esta terra, estima-se que cerca de cinco milhões de autóctones vivessem aqui, de uma maneira simples, com base na agricultura e uma sociedade sustentada a partir de bases religiosas, na maioria delas, politeístas. Ao observar as grandes riquezas existentes aqui e em busca de uma expansão territorial para seus países, os europeus decidem então, fundar vilas e/ou colônias, tomando para si terras que, até então, pertenciam ao autóctone. A partir de então, houve gradativamente uma desapropriação cultural dos referidos. De acordo com Maria Regina Celestino de Almeida, em seu livro *Os índios na história do Brasil*, “as relações de contato eram, então, *grosso modo*, vistas como relação de dominação/submissão, na qual uma cultura se impunha sobre a outra, anulando-a.” (ALMEIDA, 2010, pág.16), ocasionando, assim, uma perda da essência indígena, como pode ser observado nesse trecho comentado pela referida “na condição de escravos ou submetidos, aculturavam-se, deixavam de ser índios e desapareciam de nossa história” (ALMEIDA, 2010, pág.13). Fazendo dos nativos, que aqui viviam, escravos para a construção de um novo “império europeu” fora da Europa. Construindo assim, a civilização hoje chamada Brasileira. Fato esse ocorrido também com os povos africanos, haja vista a necessidade de mão de obra mais intensa nas lavouras de café e açúcar e nos engenhos das grandes fazendas, em decorrência da não aceitação da condição de escravos por parte do autóctone.

A partir do século XVI origina-se então um grande tráfico negreiro que envolveu a circulação de milhões de pessoas, em sua maioria, negros africanos, originados da África. Os referidos eram transportados em condições extremamente desumanas, nos chamados tumbeiros. Nessas viagens, grande parte da população embarcada morria, em razão das péssimas condições da viagem. Eram postos como livros numa estante, ficavam todos amontoados, num espaço mínimo para cada. Sem poder locomover-se, faziam as necessidades fisiológicas no mesmo lugar. O resultado era disseminação de doenças durante a viagem e por muitos dias os vivos tinham que conviver com o

cadáver que posteriormente era lançado ao mar. Caso houvesse insatisfação ou rebeldia eram punidos com açoites ou jogados aos tubarões para servir de exemplo. Os “escravos” que sobreviviam a esse trajeto eram, então, na maioria das vezes, separados de seus familiares e grupos culturais para que ocorresse a dificuldade em se comunicar, entre si, e eram levados para locais diferentes, (fato que contribuiu para miscigenação da cultura brasileira). Já nas fazendas ou em outros espaços de trabalho, caso os escravos não obedecessem, eram castigados, violentamente, sofrendo humilhação diária. Na maioria das vezes os castigos contavam com chibatadas em praças públicas, onde os escravos eram amarrados em pelourinhos espalhados pelas cidades e fazendas, tornando, assim, o ato, um espetáculo para a população branca. Havia, também, o método da palmatória, onde eram aplicados golpes com o instrumento nas mãos dos escravos, ocasionando grandes dores nos indivíduos. Em algumas fazendas, mais violentas, aplicavam-se também o método do anavalhamento do corpo, seguido de salmoura, marcas e ferro quente, mutilações, estupros, castração, fraturas dentárias com a ajuda de martelos, em alguns lugares. Mais comumente no sul, os punhos dos escravos eram amarrados e os mesmos eram pendurados de cabeça para baixo, onde se untava de mel o corpo, totalmente despido do escravo, para que pudessem ser picados por insetos, estes, na maioria das vezes aplicados à escravos negros. Não tendo como fugir de tais imposições, os “escravos” criavam resistência de alguma maneira, seja através dos levantes, revoltas, fugas e até mesmo o suicídio, o “mais trágico recurso de que se valeu o negro, para fugir aos rigores do regime que o oprimia” (GOULART, 1972, p. 123), seja pelas humilhações, excesso de trabalho e do banzo.

#### 4 A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO

Jose Murilo de Carvalho (1990) afirma que a cultura de uma nação se baseia nos símbolos e cita alguns modelos, tais como a bandeira e o hino nacional. Esses são criados com o objetivo de criar uma ideia de patriotismo, de nacionalidade. Um bom exemplo de tal construção está na capa do livro de José Murilo de Carvalho.

Neste, pode ser observado mulheres costurando a bandeira nacional, ou seja, construindo um símbolo, em outras palavras, construindo uma nação. Já que a nação é construída através de seus símbolos, o que nos remete ao quinto capítulo de seu livro “Bandeira e hino: o peso da tradição”. Ao longo de seu livro o autor discorre sobre a necessidade de uma legitimação da cultura nacional, afirmando assim que a formação cultural brasileira se originou através da necessidade de mudanças no país, na maioria delas na área política, em um momento de transição para a República. Nesse período objetivava-se formar almas, construir.

Saindo da historiografia passemos às nossas letras. Não é novidade para nenhum brasileiro que a língua seja um fator de unidade nacional. Antônio Cândido (2000) afirma que um dos maiores símbolos da sociedade brasileira seria a literatura, cuja matéria-prima, sabemos, é o trabalho artístico com a linguagem, e a linguagem em si, nua e crua, por assim dizer. Cândido afirma que ambas, foram trazidos e impostos na nova terra pelos europeus. Estes trouxeram para cá toda uma bagagem cultural, impondo-as ao autóctone, sufocando, assim, os costumes primitivos e até mesmo a linguagem, o tupi guarani, que chegou a ser proibido no estado de São Paulo, no século XVII, como o próprio autor diz em sua obra, forjando assim uma identidade étnica e cultural. Por volta do século XVIII, afirma Cândido “nas zonas colonizadas o índio já estava neutralizado, repellido, destruído ou dissolvido em parte pela mestiçagem” (CÂNDIDO, 2000, p.173). Considerando-se a função social da literatura que é representar a nação, houve uma necessidade de representar a imagem do índio dos primeiros momentos, como tal imagem, por si só, fosse negativa aos olhos europeus, forjou-se uma imagem ideal. O índio idealizado de José de Alencar não era um índio qualquer, mas os nobres de suas aldeias: Iracema, da obra homônima, era a sacerdotisa de Tupã; Peri, o herói de O Guarani, também de José de Alencar, era uma espécie de Grego em nossas matas; I-Juca Pirama, herói de Gonçalves Dias foi descrito como um grego, no meio da taba, como se pode ler neste fragmento do poema citado:

Quem é? - ninguém sabe: seu nome é ignoto,  
Sua tribo não diz: - de um povo remoto  
Descende por certo - dum povo gentil;  
Assim lá na Grécia ao escravo insulano  
Tornavam distinto do vil muçulmano  
As linhas corretas do nobre perfil.

Já Darcy Ribeiro (2006) tenta nos explicar a origem dos brasileiros e quem são, no início de sua obra nos diz, “... só temos o testemunho de um dos protagonistas, o invasor, ele é quem nos fala de suas façanhas. É ele também, quem relata o que decidiu aos índios e negros, raramente lhes dando a palavra de registro de suas próprias falas. O que a documentação copiosíssima nos conta é a

versão do dominador”, fala, também, sobre o desrespeito para com o autóctone, o extermínio de várias tribos, estereotipadas pelos europeus como hostis, e, por esse motivo, levadas ao extermínio. Afirma, ainda, que o Brasil e toda sua formação étnica e cultural foram baseados em uma tragédia, da falta de respeito com as culturas e de extermínio dos povos já habitantes aqui.

O que ambos os autores têm em comum é o fato de aceitarem e defenderem que a imposição europeia sobre o autóctone, mas não só, também sobre o africano, foi de grande valia para a construção da nação, seja ela, ora positiva, ora negativa, na maioria das vezes negativas, pois com a chegada e a construção de colônias em território brasileiro os índios foram sufocados culturalmente.

## **5 APARELHOS IDEOLÓGICOS DE ESTADO**

O processo de construção indentitária nacional brasileira deu-se início logo após a independência do país, em 1822. Durante o reinado de Dom Pedro I, após a independência, ocorreram vários esforços para fazer de nossa sociedade, uma sociedade com culturas comuns – fato esse quase que impossível, pois com a miscigenação ocorrida, seria muito difícil reunir todas as expressões culturais em somente um cidadão. – esforços esses vistos como fracassados, pois foi cerca de 100 anos após que a identidade brasileira começaria a ser realmente escrita, logo depois do período romântico, nas artes, e, com a posse de Getúlio Vargas, como presidente do país. Foi então que foram criados os aparelhos ideológicos, que são os responsáveis pela manutenção da ordem estabelecida, tais como a família, a igreja, o Estado e a escola.

Sendo esta última, se não a maior, um dos aparelhos que mais se destacam em questão de imposições, pois, a partir da educação, o indivíduo é moldado, abasileirando-se. Ao afrodescendente e autóctone foi ensinada a língua portuguesa, com base no português de Portugal, e ambos são convidados a abandonarem suas línguas de origem ou a língua de seus antepassados. Outro grande exemplo seriam as aglomerações para que pudessem executar o hino nacional, em outros momentos também era praticado o juramento à bandeira, em posição de sentido, em respeito e louvor à pátria, em louvor aos símbolos nacionais, fortalecendo as palavras já mencionadas no presente artigo por José Murilo de Carvalho, Antônio Cândido, Darcy Ribeiro de que a sociedade brasileira é simbólica, ou seja, tendo suas raízes fundadas em símbolos.

Levando-se em consideração o conceito de aparelhos ideológicos, a escola tem um papel de manutenção da ordem e das regras estabelecidas para que o processo de construção da identidade nacional siga “alfabetizando” os ditos “sem luz”, os ainda não “catequizados” pelas ideologias da matriz colonizadora.

## **6 IMPOSIÇÃO CULTURAL NOS DIAS ATUAIS – A TERRA COMO IDENTIDADE DE UM POVO**

Mesmo após ter se passado pouco mais de 500 anos do “descobrimento” do Brasil, a terra ainda é vista como um fator de identidade cultural de um povo. Exemplos, seriam as pessoas que, ao saírem de sua terra natal, para uma grande metrópole, e, não conseguindo se sentir pertencido em sua nova jornada, acaba voltando para seu lugar de origem, para que haja uma nova conquista de sua dignidade, pois, na “cidade grande”, não houveram muitas possibilidades para que tal indivíduo pudesse exercer sua cultura, de uma forma digna, ou seja, a terra natal, a terrinha, o torrão natal – só para resgatar a fala descompromissada - ainda é vista nos dias atuais como um alicerce de aconchego e dignidade cultural. Talvez o maior exemplo de identidade cultural, a partir da noção de territorialidade, seria a do autóctone brasileiro e os africanos trazidos para esse território, que, juntamente com a chegada dos europeus, foram expulsos de sua terra – ou no caso dos africanos roubados dela – para que pudessem ser mantidos como escravos nas fazendas, perdendo assim sua identidade cultural (suas terras).

Nos dias atuais a situação não se encontra muito diferente de 500 anos atrás. Vemos, diariamente, imposições de grupos “superiores” sobre grupos inferiores, sejam por questões religiosas (como ocorrida em 1500 com o descobrimento do Brasil) como, por exemplo, as sociedades do oriente, que vivem frequentemente em guerra por conceitos e brigas religiosas. Sejam elas culturais, a exemplo o Brasil, com a briga incessante pelas terras na região do Mato Grosso do Sul, onde autóctone e fazendeiros brigam pela posse de terras. Segundo dados da FUNASA (2008), no estado do Mato Grosso do Sul há a segunda maior população indígena do país, cerca de 66.963 índios, divididos entre Guarani, Kaiowá e Guarani/Kaiowá, que sofrem com a imposição através de suas terras.

## **7 SUICÍDIO NOS DIAS ATUAIS**

Albert Camus em seu livro “O mito de Sísifo” nos diz que “o suicídio é a grande questão filosófica de nosso tempo; decidir se a vida merece ou não ser vivida é responder a uma pergunta fundamental

da filosofia” (CAMUS, 2008, p.13). O suicídio entre as “minorias” se originou com a chegada de portugueses e com o “descobrimento” do Brasil, entretanto tal fato tem se agravado cada vez mais, nos últimos tempos. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre Prevenção ao Suicídio indicam que a cada 40 segundos ao menos uma pessoa comete o ato de suicídio no mundo. Segundo dados publicados em 2015 pela ONU no ano de 2012, mais de 800 mil pessoas morreram por suicídio, levando o tema a ser a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, pouco mais de 70% desses suicídios ocorrem em países de baixa e média renda. Além de problemas psicológicos e transtornos mentais, as taxas de suicídio também são elevadas em grupos onde há a imposição colocada sobre outros grupos, como refugiados, migrantes, indígenas, lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros (LGBT), e pessoas privadas de liberdade. Tais grupos ao se sentirem acuados por uma sociedade preconceituosa, tentando impor-lhes uma série de costumes e ações denominadas corretas por eles mesmos, se veem sem saída e acabam optando pelo suicídio ao enfrentar os problemas ocasionados por suas escolhas. Focando um pouco mais no Brasil, estima-se que, a cada 45 minutos uma pessoa comete o autoextermínio, sendo assim é o causador de cerca de 32 mortes por dia, somente no país.

Segundo dados disponibilizados pela BBC Brasil (2017), no período entre 1980 e 2014, o número nos casos de suicídio entre jovens de 15 a 29 anos aumentou cerca de 27, 2% somente no Brasil, a partir de dados obtidos pelo Ministério da saúde, a taxa de suicídio em uma população de 15 a 29 anos subiu de 5,1 para cada 100 mil habitantes em 2002 para 5,6 em 2014, um aumento de quase 10% em somente dois anos.

Segundo estudos de Sonia Grubits (2001) em seu artigo “Suicídios de jovens Guarani/Kaiowá de Mato Grosso do Sul, Brasil” baseados em dados obtidos através da FUNASA ocorreram cerca de 410 suicídios na população indígena do estado de 2000 a agosto de 2008, a maioria são homens, cerca de 65%, entre as faixas etárias de 15 a 29 anos. O método mais frequente é o enforcamento. Esses grupos sofrem com a disputa de terras, muitos fazendeiros têm em mãos documentos que certificam a posse de terras, entretanto, há também vestígios de que as terras em um passado não muito distante pertenciam aos índios, um dos fatores importantes para esse problema seria a imposição sofrida pelo autóctone, tanto religiosa, quanto a imposição da cultura não índia, com o agrupamento de costumes diferentes aos seus, nas mais diversas formas, na maneira de vestir, se comunicar, se comportar etc.

## 8 CONCLUSÃO

A partir do que se disse concluímos o presente trabalho com ajuda de nossos teóricos afirmando que o processo de colonização brasileira influenciou em dezenas de casos de suicídio entre indígenas e afrodescendentes, daquela época e que, ainda hoje, a imposição cultural e a não aceitação do ser diferente, acaba acarretando em milhares de casos de tentativas de suicídio muitas dessas tentativas ocorridas com êxito. Vivemos em um mundo repleto de imposições, o mundo fluído que acaba refletindo também nas identidades, tornando as identidades fluidas, ou seja, maleáveis colocando de frente às imposições. E essas identidades encontram vivem conflitos e preconceitos pela não aceitação do ser dito como anormal, uma possível saída para esses conflitos vistos por quem sofre, é o suicídio, onde o indivíduo tenta cessar definitivamente suas dores. Para justificar tal fala recuperamos parte da introdução do referido artigo que nos diz: “... ainda hoje contribuem também em relação ao suicídio, pois as identidades culturais começaram a ser construídas, naquela época, e, ainda hoje, todo caso que exceda o limite de normalidade dessa identidade é colocado sobre imposições da sociedade, para que a mesma se “regularize””.

## 9 REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**, Rio de Janeiro, Record. Ed. 2008.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura de dois gumes**, Campinas: Unicamp Ed. 1985.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas, o imaginário da República no Brasil**, São Paulo: Companhia das Letras Ed. 1990.
- DURKHEIM, Emile. **O suicídio**, 1897. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- FUNASA. (2008). **Suicídios por aldeias**. DSEI/ MS. Brasília, DF. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932011000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000300006)> Acesso em 27/05/2017.

GELEDÉS, instituto da mulher negra: **A História da Escravidão Negra no Brasil, 2012**- Disponível em: [http://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/?gclid=EAlalQobChMI3oih\\_3b0wIVFgiRCh3H\\_AeuEAAAYASAAEgLW6vD\\_BwE#gs.NHtpVrM](http://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/?gclid=EAlalQobChMI3oih_3b0wIVFgiRCh3H_AeuEAAAYASAAEgLW6vD_BwE#gs.NHtpVrM)  
 Acesso em: 15/05/2017.

GOULART, José Alípio. **Da Fuga Ao Suicídio**: Aspectos De Rebeldia Dos Escravos No Brasil. Rio De Janeiro: Conquista/Inl, 1972, P. 15 -165.

HONÓRIO, Ricardo. **Concepções de cultura**, 2009. Disponível em <<http://www.antropologia.com.br/divu/colab/d12-rhonorio.pdf>> Acesso em 27/05/2017.

OMS – Organização Mundial da Saúde – **Grave problema de saúde publica, suicídio é a responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo/>  
 Acesso em 27/05/2017.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil, São Paulo: Companhia das Letras Ed. 2006.

Viva Brasil. **A Abolição da escravatura**. Disponível em: [http://www.vivabrazil.com/abolicao\\_da\\_escravatura.htm](http://www.vivabrazil.com/abolicao_da_escravatura.htm) Acesso em: 16/05/2017.

**Origem da palavra, Etimologia**. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/suicidio/>  
 Acesso em: 15/052017.